
DIÁLOGOS EM FRONTEIRAS INTERCULTURAIS: POVOS DA AMAZÔNIA NO INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS – UNICAMP

DIÁLOGOS EN FRONTERAS INTERCULTURALES: PUEBLOS DE LA AMAZONÍA
EN EL INSTITUTO DE GEOCIENCIA – UNICAMP

DIALOGUES ON INTERCULTURAL BORDERS: AMAZONIAN PEOPLES AT THE
GEOSCIENCES INSTITUTE – UNICAMP

Valdriana Lira da Costa¹

<https://orcid.org/0000-0002-0579-356X>
<http://lattes.cnpq.br/9994433515870357>

Mateus da Silva Oliveira²

<https://orcid.org/0000-0001-9616-1084>
<http://lattes.cnpq.br/2519338959002910>

Marcos Samuel Costa da Conceição³

<https://orcid.org/0000-0002-2390-9191>
<http://lattes.cnpq.br/2335019378149744>

Carla Ladeira Pimentel Águas⁴

<https://orcid.org/0000-0001-8339-5017>
<http://lattes.cnpq.br/0543966809429841>

Cristina Alejandra Larraín Manzo⁵

<https://orcid.org/0000-0003-4183-8750>
<http://lattes.cnpq.br/2532265363869772>

Lara Ramos Monteiro Silva⁶

<https://orcid.org/0000-0002-9540-9268>
<http://lattes.cnpq.br/2638742139393363>

¹ Mestra em Educação e Cultura; Graduação em Letras – Língua Inglesa (PPGEDUC/UFPA). E-mail: valdrianalira@gmail.com

² Mestrando em Currículo e Gestão da Escola Básica (UFPA), graduado em Educação do Campo. E-mail: mateusoliveiraec@gmail.com

³ Mestrando em Antropologia/PPGA/UFPA, Assistente Social/UFPA. E-mail: marcos94sam@gmail.com

⁴ Doutora em Pós-Colonialismos e Cidadania Global (Universidade de Coimbra); pós-doutoranda pelo Departamento de Política Científica e Tecnológica (DPCT/Unicamp – PNPd/Capes). E-mail: carlaaguas@gmail.com

⁵ Indigenista. Mestre em Política Científica e Tecnológica pela Universidade Estadual de Campinas (IG/UNICAMP), Assistente Social. E-mail: c235462@dac.unicamp.br

⁶ Doutoranda e mestra em Política Científica e Tecnológica (PPG-PCT/Unicamp). E-mail: lara.ramos@ige.unicamp.br

Iraima Lugo-Montilla⁷

<https://orcid.org/0000-0003-0065-3514>
<http://lattes.cnpq.br/9133242366788035>

Gabriela Marino Silva⁸

<https://orcid.org/0000-0001-6160-2871>
<http://lattes.cnpq.br/8218853907098129>

Manuela Gomes da Rocha⁹

<https://orcid.org/0000-0003-1171-9953>
<http://lattes.cnpq.br/3140569145722379>

Daniela Albini Pinheiro¹⁰

<https://orcid.org/0000-0002-6587-1136>
<http://lattes.cnpq.br/4425981870715184>

Leda Maria Caira Gitahy¹¹

<https://orcid.org/0000-0002-8027-126X>
<http://lattes.cnpq.br/7305487448050391>

RESUMO: Este artigo explora a dimensão fronteiriça do projeto “Ciência, Tecnologia, Sociedade e Inovação – Povos da Amazônia no Instituto de Geociências: intercâmbio de experiências e conhecimentos interculturais”, realizado entre janeiro e fevereiro de 2020. As atividades foram desenvolvidas no Programa “Ciência e Arte – Povos da Amazônia” (CAPA), que teve o objetivo de possibilitar o contato entre estudantes indígenas, quilombolas, ribeirinhos e extrativistas da Universidade Federal do Pará (UFPA) com a vida acadêmica da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). O Instituto de Geociências da Unicamp recebeu cinco estudantes paraenses – sendo três quilombolas, um ribeirinho da Ilha de Marajó e um agricultor familiar – provenientes dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Artes Visuais, Letras, Assistência Social e Educação do Campo, que participaram de oficinas, visitas, trabalhos de campo, reuniões de orientação e momentos lúdicos. Nesse processo, tanto intercambistas quanto anfitriões(ãs) experimentaram o confronto entre realidades, reações de estranhamento ou aproximação, trânsitos e continuidades que caracterizam a metáfora de fronteira. A partir de uma abordagem qualitativa, essa experiência é analisada a partir da ruptura de visões cristalizadas sobre a alteridade, evidenciando a riqueza do encontro intercultural para a construção coletiva do conhecimento.

Palavras-chave: Fronteira; Povos amazônicos; Interculturalidade.

⁷ Doutora em Política Científica e Tecnológica; Mestra em Estudos Sociais da Ciência; Socióloga. E-mail: iraimalm@gmail.com

⁸ Socióloga, mestra em Educação e doutoranda em Política Científica e Tecnológica pela Unicamp. E-mail: gaabimarino@gmail.com

⁹ Doutoranda e mestra em Política Científica e Tecnológica (PPG-PCT/Unicamp). E-mail: manuelaagrocha@gmail.com

¹⁰ Bacharel em Ciências Econômicas pela Unicamp e mestre e doutora em Política Científica e Tecnológica também pela Unicamp. E-mail: danipinheiro06@gmail.com

¹¹ Socióloga, Professora Titular do DPCT/IG/Unicamp, coordenadora do Laboratório de Tecnologia e Transformações Sociais (LabTTS). E-mail: leda@unicamp.br

RESUMEN: Este artículo explora la dimensión fronteriza del proyecto “Ciencia, Tecnología, Sociedad e Innovación – Pueblos de la Amazonía en el Instituto de Geociencias: intercambio intercultural de experiencias y conocimientos”, realizado entre enero y febrero de 2020. Las actividades hicieron parte del Programa “Ciencia y Arte – Pueblos de la Amazonia” (CAPA), que tuvo como objetivo posibilitar el contacto de los estudiantes indígenas, quilombolas, ribereños y extractivistas de la Universidad Federal de Pará (UFPA) con la vida académica de la Universidad Estatal de Campinas (Unicamp). El Instituto de Geociencias de la Unicamp recibió a cinco estudiantes de Pará –tres quilombolas, un ribereño de la isla de Marajó y un agricultor familiar– de los cursos de Arquitectura y Urbanismo, Artes Visuales, Literatura, Trabajo Social y Educación en el Campo, que participaron en talleres, visitas, trabajos de campo, encuentros de orientación y actividades recreativas. En este proceso, tanto los estudiantes de intercambio como los anfitriones experimentaron la confrontación entre realidades, las reacciones de extrañamiento o aproximación, los tránsitos y las continuidades que caracterizan la metáfora de la frontera. Desde un enfoque cualitativo, se analiza esta experiencia desde la ruptura de las visiones cristalizadas de la alteridad, destacando la riqueza del encuentro intercultural para la construcción colectiva del conocimiento.

Palabras claves: Frontera; Pueblos amazónicos; Interculturalidad.

ABSTRACT: This article explores the project “Science, Technology, Society and Innovation – Peoples of the Amazon at the Institute of Geosciences: intercultural exchange of experiences and knowledge”, executed between January and February, 2020, as a border space. The activities were developed in the scope of the “Science and Art – Peoples of the Amazon” (CAPA) program, which aimed to enable the contact of indigenous, “quilombolas”, riverine and extractivist students from the Federal University of Pará (UFPA) with the academic life of the State University of Campinas (Unicamp). The Institute of Geosciences at Unicamp received five students from Pará – three “quilombolas”, one from a riverside community of the Marajó Island and a family farmer – from the courses of Architecture and Urbanism, Visual Arts, Literature, Social Work and Rural Education, respectively, who participated in workshops, visits, field work, orientation meetings and ludic moments. In this process, students and hosts experienced the confrontation between realities, strangeness or closeness, transits and continuities that characterize the border space metaphor. From a qualitative approach, this experience is analyzed from the rupture of crystallized visions about otherness, showing the richness of the intercultural encounter for the collective construction of knowledge.

Keywords: Border; Amazonian people; Interculturality.

INTRODUÇÃO

A uma determinada altura, no nosso caminho rumo a uma nova consciência, teremos que deixar a margem oposta, com o corte entre os dois combatentes mortais cicatrizado de alguma forma (...). As possibilidades são inúmeras, uma vez tenhamos decidido agir, em vez de apenas reagir.

La conciencia de la mestiza / Rumo a uma nova consciência – Gloria Anzaldúa

Numa das margens, a Universidade Federal do Pará (UFPA), em uma outra, a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), vivendo seus cotidianos separadas, decidem unir esforços para romper as fronteiras que supostamente as dividem: geográficas, culturais, simbólicas, institucionais e de cosmovisões em geral. Embora algumas fronteiras possam constituir-se dolorosas, é necessário enfrentá-las, pois é a única forma de navegarmos rumo a uma nova consciência – como nos convida à reflexão a epígrafe deste artigo. Anzaldúa (2005) se refere à consciência da mestiça – híbrida, maleável. Impossibilitada de se situar em uma das margens sem perder um pouco de si, ela é uma consciência de fronteiras.

Por meio do Programa “Ciência e Arte Povos da Amazônia (CAPA) – Santander/UFPA/Unicamp”, lançado no ano 2019, com o patrocínio do Banco Santander, teve início o “cruzar” do rio, que deslocou estudantes indígenas, quilombolas, ribeirinhos e extrativistas da Amazônia para Campinas (SP). No âmbito desse programa, foi desenvolvido o projeto “Ciência, Tecnologia, Sociedade e Inovação – Povos da Amazônia no Instituto de Geociências: intercâmbio de experiências e conhecimentos interculturais”, do qual participaram cinco estudantes da UFPA, oriundos de Baião, Abaetetuba, Ponta de Pedras/Ilha de Marajó, Anapu e Boa Vista/Baião (PA), e um grupo interdisciplinar de voluntários do Instituto de Geociências (IG).

O processo iniciou com dois editais que procuraram captar interessados tanto por parte da UFPA como da Unicamp. Neste último caso, os projetos poderiam ser submetidos pela comunidade acadêmica, entre outubro e novembro de 2019. A proposta de participação, inicialmente veio de uma integrante do Laboratório de Tecnologias e Transformações Sociais (LABTTS) do Departamento de Política Científica e Tecnológica (DPCT) do IG, e foi acolhida positivamente pela coordenadora do LABTTS. Seguidamente, abriu-se o chamado para toda a comunidade do IG. Desde o começo, houve um clima de abertura, de escuta ativa, de possibilidades de trocas baseadas, não só na expertise, mas também na própria trajetória de vida.

O encontro aconteceu entre os dias 13 de janeiro e 20 de fevereiro, nas instalações da Unicamp. No total, o projeto CAPA/IG desenvolveu 12 oficinas, seis visitas ou trabalhos de campo, reuniões de discussão ou orientação e momentos lúdicos – com destaque para o “Sarau dos Saberes”, uma atividade de encerramento para a socialização dos resultados.

O destaque principal do projeto foi o tom de construção coletiva, presente desde as etapas de desenho e planejamento, como foi colocado anteriormente. A interculturalidade foi colocada como eixo mobilizador das atividades, explicitamente transversalizada ao longo da experiência. Assim, olhava-se no horizonte o CAPA como um espaço de encontro e trocas, porém, ainda sem perceber as potencialidades dos desdobramentos que efetivamente aconteceriam.

A discussão sobre *fronteiras*, no sentido polissêmico do termo, encontra-se sustentada principalmente pela autora Águas (2013), constituindo o arcabouço teórico para compreender as relações interculturais estabelecidas entre os diferentes conhecimentos produzidos no contexto do desenvolvimento do projeto CAPA/IG.

Em relação à metodologia, foi utilizada uma abordagem qualitativa, baseada na revisão dos documentos que viabilizaram o CAPA, como os editais da UFPA e da Unicamp. Por outro lado, considerou-se o Relatório de Atividades como referência principal de dados, possibilitando o resgate de depoimentos que foram providenciados pelos participantes, tanto intercambistas como por voluntários do IG. Também foram contemplados novos relatos dos(as) próprios(as) autores, colocados neste artigo a modo de depoimento.

O texto está dividido em três partes, na primeira, apresentamos uma discussão sobre a polissemia do conceito de fronteira situando-a como patamar de análise. Na segunda parte, oferecemos a contextualização do percurso do projeto; já na terceira seção, mostramos as vivências produzidas pelo projeto e os seus resultados, assim como um conjunto de outros desdobramentos, tudo isso representado como um encontro fronteiriço. Por fim, são colocadas as considerações finais, a modo de reflexão e abertura a novos debates.

A POLISSEMIA DA FRONTEIRA

O rio Guainía, na Colômbia, cruza as fronteiras para se converter no rio Negro, no Brasil. Suas águas pretas, ácidas, oxigenadas pelas matérias orgânicas e pelas algas, se encontram com as águas barrentas e velozes do rio Solimões, proveniente da região andina, com seus sedimentos vulcânicos. A confluência desses rios origina o Encontro das Águas que pode ser contemplado na capital amazonense – Manaus. Os rios que se encontram percorrem vários quilômetros sem se misturarem, levando ao surgimento do Amazonas, que desemboca no oceano Atlântico, no outro extremo do continente. É na imensidão desse rio e de todas as suas ramificações (ou afluentes) que navegam camponeses, ribeirinhos, caboclos, indígenas, quilombolas, extrativistas, raizeiros.

O imaginário construído sobre a Amazônia desde a perspectiva colonizadora é de um território vazio, homogêneo, selvagem, atrasado e passível de ser explorado, reflexo da visão eurocêntrica do mundo, que foi imposta com a chegada dos europeus nos séculos XV e XVI. Os colonizadores acreditavam que as sociedades europeias se encontravam em um patamar superior de civilização, em comparação com as sociedades não europeias, baseando-se, principalmente, na negação da diferença e das racionalidades outras. Nesse sentido, foram criadas hierarquias que dividiram as sociedades em Ocidente/Oriente, Norte/Sul, homem/mulher, cultura/natureza etc., (SANTOS, 2002) e fraturaram as relações simbióticas que os povos indígenas tinham com os espaços que habitavam (MAGALHÃES *et al.*, 2019). A força que esse pensamento imprime no presente, é o que Quijano (2009) chamou de colonialidade, que se sustenta “na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do [poder capitalista]” (QUIJANO, 2009:73).

A resistência dos/das habitantes amazônicos/as diante do avanço desse processo colonizador configura um cenário de fronteira que separa/divide dois mundos, como as águas que não se misturam do Negro e Solimões. Porém, esta resistência diversa que oferece a Amazônia é um lugar de trânsitos, complementaridades e encontros. É a partir desta complexidade que nos propomos aqui a discutir o conceito de fronteira.

A palavra “fronteira” guarda uma grande polissemia: conforme sinalizado por Walter (2006), pode representar linhas divisórias de diferenciação espacial, temporal e

cultural, separando a identidade interna da alteridade externa; simultaneamente, pode caracterizar entre-espços compartilhados, que ligam estas mesmas identidades. O termo é comumente usado para tratar da divisão entre as nações, da globalização, da expansão agrícola, do que distingue os grupos sociais – mas também o que os aproxima. Porém, segundo Albaret-Schulz *et al.* (2004), um aspecto perpassa todas as suas possíveis acepções: trata-se sempre de um atributo de poder.

Em termos abrangentes, o conceito pode ser reunido em três modelos de análise – a fronteira *que separa*, a fronteira *como frente* e a fronteira *que une* (ÁGUAS, 2013). O primeiro deles está vinculado ao sentido literal de *limes*, que, segundo Sousa Ribeiro (2001), buscava designar a muralha imperial, destinada a manter de fora os bárbaros. Portanto, designa um espaço de diferenciação entre o que está “dentro” ou “fora”, vinculando-se assim a uma razão relacional de julgamento e distinção (HANNERZ, 1997). Esta linha divisória pode ser tão palpável quanto o muro que separa o México dos Estados Unidos, por exemplo; porém, pode incidir sobre os processos identitários e simbólicos, como é o caso dos jogos de diferenciação que buscam separar o “civilizado” do “selvagem”, gerando hierarquias. Já a segunda acepção de fronteira busca descrever um processo de expansão: à semelhança do *front* de batalha, as “fronteiras do conhecimento” ou as “fronteiras agrícolas”, por exemplo, representam frentes em contínuo movimento.

Já o terceiro modelo de análise busca pensar as dinâmicas de interpenetração das culturas. Na esteira de Leach, Hannerz (1997) lança o foco sobre as microfronteiras, não só nas imediações das sociedades estabelecidas, mas entre elas – nos interstícios, ou seja, na interface entre culturas. Nesse sentido, o espaço fronteiriço é justamente onde ocorrem os processos de interculturalidade que põem as identidades em movimento. Ao invés de se pensar na fronteira como a marca de diferenciação entre as culturas, sob essa interpretação ela se revela como um lugar de negociação e é *na* fronteira que os universos culturais se encontram. Trata-se de uma metáfora que convida ao deslocamento do foco, que é retirado dos núcleos estruturantes do meio social para se concentrar nos fenômenos que ocorrem nas margens (ÁGUAS, 2013). Como destacado por Shields, “fronteiras são normativamente definidas para serem atravessadas, não para

serem percorridas. Se elas são seguidas, o seu *status* é alterado, transformando-se em virtuais, intersticiais ou liminares espaços de interação” (SHIELDS, 2006, p. 229).

É justamente por se situar fora dos núcleos estruturantes que a fronteira se revela como potencialmente transgressora e capaz de reconfigurar os parâmetros culturais já cristalizados. Uma vez que o estabelecimento de um cânone único é impossível dentro do espaço fronteiriço (SANTOS, 2000), esse lugar de negociação pode quebrar estereótipos e viabilizar a partilha, dando origem a novas configurações de identidade (RIBEIRO, 2001). Além disso, a convergência intercultural traz também o potencial de levar ao surgimento de propostas concretas de intervenção na realidade (MEDEIROS e GITAHY, 2009, p. 13). Enfim, é no espaço de encontro entre o “eu” e o “outro” que algo efetivamente novo pode surgir.

Esse caráter transgressor da fronteira é especialmente útil para analisarmos sociedades tão diversas quanto as latino-americanas. Dentre outros autores, Mignolo (2003) lançou mão do termo “pensamento liminar” para dar conta dessa complexidade. No caso do Brasil, essa diversidade se traduz em uma imensidão de povos originários, de processos migratórios e da diáspora africana imposta pelo sistema escravista. No que se refere aos primeiros, segundo o intelectual indígena amazonense Gersem Baniwa, as populações nativas das terras baixas da América do Sul desenvolveram civilizações milenares e sofisticadas – a exemplo da Marajoara, no Pará – e também baseadas em grandes redes de alianças políticas e econômicas, as confederações.

“Quando falamos de diversidade cultural indígena, estamos falando de diversidade de civilizações autônomas e de culturas; de sistemas políticos, jurídicos, econômicos, enfim, de organizações sociais, econômicas e políticas construídas ao longo de milhares de anos”, destaca o autor (LUCIANO, 2006, p. 49). Portanto, o contexto amazônico, dentre outros, revela-se a partir de teias sociais complexas, caracterizadas por múltiplas relações que tornam pertinente a reflexão acerca do espaço de fronteira como lugar de conflitos, mas também de interculturalidade.

Porém, visões deterministas desenhavam uma Amazônia simples, abstrata e passível de ser reduzida a poucas categorias interpretativas. Conforme analisa Alfredo Wagner Berno de Almeida (2008), este amplo espaço é comumente categorizado como

um ambiente sem sujeitos (*biologismos*), um lugar isolado do resto do mundo (*geografismos*) ou resultante da visão dicotômica entre natureza e cultura (*dualismos*).

Pode-se compreender a Amazônia desconsiderando as relações de forças – de conflito e tensões – que coexistem? Tendo em conta a ideia de fronteira *que separa* como uma relação hierarquizada entre centro/periferia, que atribui à região a ideia de que é “selvagem” e “vazia”, é possível desconstruir esse imaginário, rumo a uma fronteira que pressupõe diálogos e encontros?

Não há respostas simples. Mas é possível argumentar que a ideia de “modernização” do Brasil, de perfil conservador e inspiração agroexportadora, foi historicamente embalada pela divisão internacional do trabalho e produção em termos geopolíticos, ignorando aspectos socioambientais e impactando de maneira incisiva os povos amazônicos. Isso se agrava na atualidade, com processos tais como a reprimarização da produção e ampliação da fronteira agrícola (neste caso, fronteira *como frente*), o que se reflete tanto na crise ambiental quanto na expulsão e ataque à autonomia dos povos. Nesse contexto, a fronteira *que une* pode ser traduzida como espaços de resistência para fazer frente a tais processos, através do trânsito entre universos culturais e epistêmicos, estreitamento de diálogos e formação de redes de solidariedade.

Sobre o tema, é importante observar que a plasticidade do conceito implica sempre em movimento, ou seja: não deve ser analisado de maneira estática, mas tendo em consideração a sobreposição de camadas em contextos sempre transitórios. Isso significa que um mesmo cenário pode ser atravessado por diferentes manifestações de fronteira, a depender da perspectiva. Por exemplo, colocando-se de uma maneira bastante simples e insuficiente, pode incidir sobre uma comunidade aspectos da fronteira *como frente* (como o avanço do agronegócio exportador sobre o território), da fronteira *que separa* (tais como a cristalização de hierarquias com base no imaginário desenvolvimentista ou a divisão de povos historicamente conectados através das barreiras impostas pelas fronteiras nacionais) e da fronteira *que une* (o fortalecimento de redes de apoio e solidariedade como forma de resistência a essas ameaças).

Vale também observar que o espaço intermediário da fronteira *que une* não implica em consenso. O conflito está presente no encontro com a alteridade, o que o torna, com certa frequência, um lugar inquietante e pouco confortável. Porém, ao extrapolar a zona de conforto, o sujeito pertencente a determinada cultura tem a oportunidade de ampliar seus horizontes, sem que lhe seja exigido renunciar à própria identidade. Nesse sentido, o trânsito entre culturas é um ponto importante para a discussão sobre a Amazônia – inclusive no que se refere ao trânsito entre a floresta e a cidade, seja devido à crescente expulsão dos povos dos seus territórios, seja devido às demandas de acesso a recursos tais como saúde e educação.

No que se refere ao ensino formal, tomando como base a centralidade da língua e dos processos comunicativos – entre os povos e entre humanos e não humanos – para a educação multicultural, Gersem Baniwa discute as dificuldades e potencialidades da interculturalidade no contexto escolar indígena. Por um lado, ele observa com tristeza a falta de interesse do meio social brasileiro pela experiência da interculturalidade “como vivência intermundos e exercício vivo do bilinguismo linguístico e cultural na escola, na comunidade e na sociedade” (LUCIANO, 2017, p. 309). Dessa forma, diversos processos sociopolíticos e linguísticos dominantes conduzem a uma ideia de “integração” capaz de enfraquecer ou anular as alteridades e identidades próprias. Essa ideia hierarquizante de integração difere do conceito de espaço fronteiriço aqui privilegiado, que se ergue justamente a partir da criação de encontros capazes de corroer as hierarquias. Portanto, segundo o autor, a educação verdadeiramente intercultural exige a ruptura com o eurocentrismo hegemônico, para abrir espaço para outras visões de mundo, através de seus atores:

A escola precisa realizar uma transformação radical na sua matriz cultural, pedagógica, metodológica, filosófica, política e epistemológica, toda ela referenciada e legitimada pela visão etnocêntrica das sociedades europeias, para abrir possibilidades concretas de incorporar outras matrizes socioculturais e epistemológicas e de outros sujeitos de transmissão de conhecimentos, como os povos indígenas e seus sistemas linguísticos, envolvendo nas práticas cotidianas as mães, os pais, os mais velhos, as lideranças e os sábios tradicionais (LUCIANO, 2017, p. 306).

A invisibilização dos saberes dos povos da floresta, somada à rigidez das divisões disciplinares e à trajetória eurocêntrica da universidade brasileira, deixa de fora

dos muros acadêmicos um manancial de conhecimentos imprescindíveis para (re)pensarmos o Brasil. Por isso, a promoção de projetos tais como o Ciência & Arte “Povos da Amazônia” (CAPA) são imprescindíveis. Argumentamos que, ao estimular o encontro fronteiriço entre realidades múltiplas – por um lado, dos povos amazônicos desafiados a fazer o deslocamento geográfico e simbólico, ao mergulharem na cultura de outra região; por outro lado, dos(as) anfitriões, ao receberem no meio acadêmico atores provenientes de realidades tão diversas – o projeto viabilizou o enriquecimento mútuo e abriu novos espaços de negociação singularmente interculturais, como veremos a seguir.

ASPECTOS CONTEXTUAIS E METODOLÓGICOS

O CAPA foi promovido com o objetivo de possibilitar o contato de estudantes indígenas, quilombolas, ribeirinhos e extrativistas da UFPA com a vida acadêmica da Unicamp. As inscrições para os projetos a serem contemplados pelo edital na Unicamp se abriram no período de 22 de outubro a 18 de novembro de 2019, no qual docentes ativos com vínculo empregatício com a universidade, professores(as) colaboradores(as) e voluntários poderiam submeter uma proposta. Dois tipos de projetos seriam aceitos: “projeto de pesquisa” – visando receber quatro estudantes, diariamente, durante o período do programa – e “projeto em grupo (oficina)” – no qual o grupo de pesquisa receberia vinte alunos(as) paraenses em apenas uma segunda-feira. Nesse contexto, os e as intercambistas da UFPA estiveram na Unicamp entre os dias 13 de janeiro e 20 de fevereiro do ano 2020, desenvolvendo atividades – nesses dois formatos – em variadas unidades da instituição paulista.

O Instituto de Geociências (IG) foi uma das unidades selecionadas para participar do programa, com o projeto “Ciência, Tecnologia, Sociedade e Inovação – Povos da Amazônia no Instituto de Geociências: intercâmbio de experiências e conhecimentos interculturais” (CAPA/IG), tendo o Laboratório de Tecnologias e Transformações Sociais (LABTTS) como grupo proponente. É importante destacar que o formato do projeto enviado para a comissão avaliadora já objetivava o diálogo de saberes entre os(as) participantes. Primeiro, ao optar pelo formato de “projeto de

pesquisa”, no qual os(as) envolvidos(as) teriam uma vivência mais intensa, interagindo diariamente durante o período do programa; segundo, ao deixar a programação “em aberto”, sem todos os conteúdos pré-determinados. Esse formato foi fundamental para, de antemão, o IG se preparar para o encontro, ou seja, se permitir adentrar na fronteira *que une* (ÁGUAS, 2013).

Os(as) estudantes da UFPA inscritos para participar do projeto CAPA/IG foram: Breno Demétrio (quilombola de Baião e graduando de Arquitetura e Urbanismo); Daniela Sena (quilombola de Abaetetuba e graduanda de Artes Visuais); Marcos Samuel Costa da Conceição (ribeirinho de Ponta de Pedras/Ilha de Marajó, escritor, poeta e graduando de Assistência Social); Mateus da Silva Oliveira (agricultor familiar de Anapu e graduando em Educação do Campo); Valdriana Lira da Costa (quilombola da comunidade de Boa Vista, município de Baião, atualmente graduada em Letras e mestranda em Educação e Cultura no Programa de Pós-Graduação (PPGEDUC) da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Tocantins Cametá (UFPA/CUNTINS) vinculada à linha de Pesquisa Cultura e Linguagem).

A diversidade também caracterizou os(as) anfitriões(ãs) do Instituto, reunindo 23 participantes – entre docentes, pós-doutorandos(as), doutorandos(as), mestrandos(as) e estudantes de graduação – provenientes de vários departamentos, laboratórios e áreas do conhecimento. Na tabela a seguir, pode-se observar a distribuição por vínculo e área disciplinar do grupo proponente do IG:

Tabela 1: Distribuição por vínculo institucional e área de interesse do grupo proponente do IG

Vínculo	Quantidade de colaboradores x vínculo	Áreas de interesse
Professora coordenadora (Professora Associada)	1	Desinformação, interculturalidade, ecologia de saberes, mudanças tecnológicas e mundo do trabalho, movimentos sociais, produção e circulação de conhecimentos, Amazônia.
Professores/as doutores/as	3	Geodinâmica externa, geoquímica de solos e águas; mobilidade de baixa emissão, cidades inteligentes, políticas públicas; tecnologias para a inclusão social ciência, tecnologia e poder tecnologia e democracia política científica e tecnológica comparada.

Professor associado	1	Território e energia (renovação das materialidades para a transição energética) e os nexos entre os circuitos espaciais produtivos e os dois circuitos da economia urbana.
Professor colaborador	1	Economia da inovação, política científica e tecnológica, política industrial, desenvolvimento industrial, sistemas locais de produção e inovação e história econômica do Brasil.
Bolsistas PNPd do DPCT e pesquisadores doutores	6	Diálogo intepistêmico, interculturalidade, pós colonialismo, ecologia de saberes no contexto de povos e comunidades tradicionais; estudos hackers, cultura digital, resistências e políticas nas redes; geografia da inovação, tecnologia e recursos naturais, geografia econômica; cooperação internacional em ciência e tecnologia, relações entre América Latina, Nordeste da Ásia (Coreia do Sul, China), Centro América; ciência, tecnologia e inovação, mobilidade elétrica, indústria automobilística, gestão tecnológica, prospecção tecnológica, análise de patentes, planejamento estratégico, gestão ambiental.
Estudantes de doutorado do DPCT e do IFCH.	7	Sustentabilidade, política científica e tecnológica, inovação para o meio ambiente, tecnologias sustentáveis, tecnologias de baixa emissão, mudanças climáticas, veículos elétricos, mobilidade urbana, mobilidade de baixa emissão; governança da internet, bots políticos, tecnologia e política, ciberpolítica, tecnopolítica; tecnologia social, políticas públicas e geografia do semiárido brasileiro; ciências humanas, sociologia, estudos sociais de ciência e tecnologia, estudos de gênero, sociologia do trabalho, trabalho e educação; movimentos sociais, agroecologia e agrobiodiversidade, economia solidária, ecologia de saberes; movimentos sociais e mídias sociais; estudos sociais da ciência e da tecnologia, videogames, línguas e linguagens, pós colonialismo, gênero.
Estudantes de mestrado do DPCT	4	Algoritmos de recomendação do Youtube e redes discursivas sobre a Amazônia; reciclagem das baterias de íon lítio utilizadas nos veículos elétricos, políticas industriais que incentivem a extração, produção e disposição final ambientalmente responsáveis; saneamento básico em territórios tradicionalmente ocupados; estudos de gênero e trabalho, trabalho por aplicativos.
Estudantes de graduação	2	Participação social, mudanças climáticas, sociedade e meio ambiente; estudo de conflitos urbanos e movimentos sociais urbanos.

Durante cinco semanas e meia de atividades, o IG promoveu 12 oficinas, seis visitas ou trabalhos de campo, reuniões de discussão ou orientação e momentos lúdicos – com destaque para o “Sarau dos Saberes”, que marcou o encerramento do projeto. O cronograma foi construído a partir das propostas que emergiram espontaneamente do

grupo do IG/Unicamp, conforme as áreas de atuação e interesses de pesquisa. Mudanças climáticas, agroecologia, produção audiovisual, jogos de interpretação, mapeamento participativo, energias alternativas e buscas em bases acadêmicas foram alguns dos temas abordados nas oficinas, às quais se somaram visitas a laboratórios e outros espaços de produção do conhecimento, tais como a estação de pesquisa do acelerador de partículas Sirius, em Campinas.

A comunicação e registro foram aspectos importantes do projeto: à chegada, os(as) intercambistas receberam cadernos que serviram de “diários de bordo”; além disso, todas as atividades foram registradas com uso de aparelhos celulares, constituindo um acervo usado ao final para a produção conjunta do vídeo “Povos da Amazônia no Instituto de Geociências”.¹²As estratégias de comunicação do projeto também incluíram intenso compartilhamento de impressões e textos, via Google Drive ou grupo de WhatsApp.

O Sarau dos Saberes marcou festivamente o encerramento das atividades. Sua programação incluiu a exposição “Varal dos Saberes” (que traçou uma linha do tempo dos principais resultados de pesquisa, tais como textos, mapas e fluxogramas), as apresentações orais protagonizadas pelos(as) alunos(as) da UFPA, a exibição do vídeo, o painel “Diálogos” (momento de discussão e avaliação coletiva), além de música, dança – carimbó – e declamações de poesia.

Vale acrescentar que a presente discussão constitui uma continuidade desse processo, na medida em que reúne os (as) participantes do projeto em torno da reflexão sobre a experiência vivida. Esta construção coletiva reforça e reinterpreta o encontro fronteiro entre acadêmicos da Unicamp e da UFPA, entendendo a fronteira como metáfora de um “terceiro lugar” (SHIELDS, 2006) povoado por trânsitos e interseções entre saberes e modos de vida.

Em termos metodológicos, este artigo aliou a teoria aos conteúdos derivados da experiência do projeto. No que se refere ao marco teórico, o conceito de fronteira foi

¹² Cf. <https://drive.google.com/file/d/1Ur42pAZyaj0iu3OX43H8ZO82LPBnx4aJ/view?usp=sharing>

discutido pelo grupo, que refletiu sobre o termo e sua polissemia a partir de diferentes realidades, como evidência em depoimento¹³ o intercambista Mateus Oliveira:

O que seria esta fronteira do conhecimento que estamos compartilhando aqui no momento? Bem, de início, quando falamos, ouvimos ou discutimos sobre fronteira, pensamos em uma ‘linha imaginária’ que nos *limita*, que nos *finca* no espaço no qual estamos situados. [...] É na fronteira que tentam nos limitar, porém é na mesma que nos encontramos; nos unimos; partilhamos (como no meu caso, onde pude partilhar com os demais colegas um pouco sobre o curso de Educação do Campo e da Pedagogia da Alternância) saberes (científicos/epistemológicos) e experiências, é na fronteira que formulamos nossas reivindicações, onde entendemos a necessidade do outro e enxergamos possibilidades de como ajudá-lo e nos ajudar ao mesmo tempo. A fronteira é o palco da diversidade, da pluralidade.

Já os conteúdos aqui analisados, derivados dessa experiência, foram extraídos do relatório “Ciência, Tecnologia, Sociedade e Inovação: Povos da Amazônia no Instituto de Geociências – Intercâmbio de experiências e conhecimentos interculturais” (IG/Unicamp, 2020), dos documentos produzidos pelos(as) intercambistas (memorial, carta de motivação, depoimento), dos aspectos discutidos em uma reunião remota e também durante a aula aberta “Roda de conversa com povos amazônicos”,¹⁴ bem como da própria memória dos(as) participantes.

O ENCONTRO FRONTEIRIÇO

Nesta seção apresentamos, a modo de reconstrução, as dinâmicas prévias ao encontro na Unicamp, assim como as vivências proporcionadas pelo projeto e seus desdobramentos.

SIMULTANEIDADES: AQUI E AGORA PARA O ENCONTRO FUTURO

Os projetos iniciais que possibilitaram o encontro na Unicamp foram desenvolvidos em diferentes universos geográficos e epistêmicos. Por um lado, os(as)

¹³ Trecho extraído de depoimento de 27/10/2021.

¹⁴ Evento realizado remotamente no dia 26/10/2021, no âmbito da disciplina História Econômica, Política e Social do Brasil (IG/Unicamp), do qual participaram os(as) estudantes da UFPA Marcos Samuel Costa, Mateus Oliveira e Valdriana Lira.

candidatos(as) da UFPA desenvolveram projetos individuais conforme seus conhecimentos, experiências, expectativas e desejos de aprendizagens e vivências; do outro lado, o grupo do IG se propôs oferecer atividades considerando a oportunidade interdisciplinar que caracteriza o Instituto, assim como a heterogeneidade dos(as) voluntários(as) que se disponibilizaram a participar. Tudo no contexto dos requerimentos e demandas próprias do edital.

A participação dos(as) estudantes amazônicos no projeto foi antecedida por ansiedade e expectativa. Afinal, suas comunidades guardam aspectos bastante distintos da realidade urbana campineira, tornando a visita à Unicamp o território do inesperado. Além das diferenças geográficas e culturais, é possível afirmar que a dificuldade de acesso ao ensino formal sempre foi uma das marcas das trajetórias dos povos tradicionais paraenses e suas famílias. O memorial de Valdriana Lira da Costa, encaminhado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura da UFPA durante o processo de seleção de mestrado, ilustra esse quadro: alfabetizada pelo pai, ela descreve a pequena escola na qual iniciou seus estudos, com duas salas, uma cozinha e os banheiros externos – uma estrutura alimentada por uma placa solar, uma vez que a energia elétrica convencional não havia chegado à comunidade de Boa Vista. “Ainda lembro do tom amarelado da cor daquele caderno costurado pelo meu pai Jaime Nunes Campelo da Costa, onde a professora escrevia manualmente as atividades, realidade distinta dos dias atuais de muitos estudantes, porém presente na vida de outros”, relata (COSTA, 2020, p. 2).

O documento também aborda as dificuldades dos(as) docentes, ao atravessarem os amplos territórios alagados daquele cenário amazônico para cumprirem suas tarefas: “Os professores faziam o trajeto crítico de estradas inacabadas, caminhos alagados pelas águas das chuvas e principalmente pela enchente no inverno para chegar à escola” (Ibidem, p. 3). Essa relação dos povos amazônicos com a água recebe uma releitura poética nas obras do escritor Marcos Samuel Costa da Conceição, ao traduzir as imagens a partir do contexto da Ilha de Marajó, conforme expresso no trecho abaixo:

Pai, eles querem parar

a força do mar com suas

*mãos sujas,
pedregulhos, excertos,
não entendem que a geografia
dos litorais é movimento vivo
das águas, águas, aguça a sede (CONCEIÇÃO, 2020)¹⁵*

Perante essas realidades múltiplas, a transição entre o contexto das comunidades e o ambiente universitário pode vir a ser entendido como um ato de coragem, dada a exigência de enfrentamento e adaptação a novas realidades, nem sempre favoráveis. Apesar disso, como sublinhado por Valdriana Lira da Costa em sua carta de motivação, escrita com vistas à seleção de discentes a integrarem o programa CAPA 2020, esta é uma conquista imprescindível, alimentada por políticas públicas – tais como o Processo Seletivo Especial, destinado à seleção diferenciada para povos tradicionais, implantado em 2013. Portanto, rompendo barreiras que historicamente impediram o acesso desses povos ao ensino superior, o recente acesso ao campo acadêmico é um braço a mais de uma luta ancestral:

[Meu objetivo é] valorizar a vaga que ocupei, minha família, minha comunidade, e também cada pessoa que lutou e luta para que quilombolas, indígenas, ribeirinhos e membros de comunidades extrativistas tenham espaço na universidade. Este espaço que tempos atrás não existia para os atuais habitantes de comunidades negras rurais formadas por descendentes de africanos escravizados, que vivem, na sua maioria, da agricultura de subsistência em terras doadas, compradas ou ocupadas há muito tempo; fala-se das lutas quando os direitos foram negados. Concluindo, espero que indígenas, quilombolas, ribeirinhos e povos de comunidades extrativistas tenham o direito de olhar para frente e ver um futuro de oportunidades de educação pública de qualidade (COSTA, 2019, p. 2).

Já a partir do outro polo do encontro, em Campinas, no caso do processo de desenvolvimento do projeto do IG, o pontapé inicial partiu da engenheira Lara Ramos – na época mestranda do DPCT –, que apresentou o edital do programa CAPA à professora Leda Gitahy, coordenadora do LABTTS. Uma vez confirmado que não

¹⁵ Poema “Pai, filho e o mar”, publicado em *Variações – Revista de Literatura Contemporânea*. Cf. em <https://variacoenovasformas.blogspot.com/2020/08/pai-filho-e-o-mar-poema-de-marcos.html?showComment=1628867474538#c5823299833578859349>

existia outra unidade do IG atendendo o chamado da referida convocatória, a professora Gitahy assumiu o desenho e coordenação do projeto. Primeiramente, foi feito um convite, tanto aos integrantes do Laboratório, como à comunidade do IG em geral, para desenvolvê-lo coletivamente.

Os primeiros encontros começaram imediatamente, haja vista a pressão que impôs a data de encerramento da inscrição. Tratou-se de reuniões, ou espaços de troca assíncronos -como Google Drive ou WhatsApp-, para se pensar as atividades, que viriam a ser reconfiguradas posteriormente na própria vivência no CAPA. Foi um processo aberto e horizontal, contemporâneo, de maneira que cada voluntário e voluntária do IG apresentou propostas de formação/pesquisa conforme a sua expertise, porém, pensando nos potenciais interesses e cosmovisões do alunado da UFPA. Desde o chamado feito pela professora Leda Gitahy, houve um tom de abertura e escuta.

Entre os resultados mais significativos da etapa de desenho do projeto no IG, podemos destacar o fluxo de saberes, a escuta ativa, a cooperação e a solidariedade. Tudo isso permitiu desenvolver o projeto em três dias e apresentar um variado conjunto de oficinas-pesquisas, reflexo da interdisciplinaridade que caracterizou o grupo do IG.

Como foi colocado neste item, foram múltiplos os pressupostos, as expectativas, as ansiedades e os desejos que caracterizaram os processos de preparação do que seria o encontro CAPA/IG na UNICAMP. Tanto o grupo de alunos(as) da UFPA como o grupo anfitrião do IG olhavam, simultaneamente, para o futuro espaço de encontro. Ainda com só esboços da potencialidade do futuro, se olhava a fronteira como a esperança de ser um espaço de troca, um espaço a ser transitado.

VIVÊNCIAS NA UNICAMP

O primeiro encontro entre o grupo de intercambistas e colaboradores(as) do IG deu-se no dia 14/01/2021, data de lançamento do Programa no Centro de Convenções da Unicamp. O IG foi a primeira *fronteira* que permitiu os contatos iniciais. A dinâmica foi seguida por um diálogo descontraído

[...] em que os(as) alunos(as) puderam falar sobre suas realidades e expectativas, conhecer seus(as) interlocutores(as) e apresentar livremente seus

interesses de pesquisa. Esta tônica resultou no estabelecimento de um diálogo real com os(as) visitantes: todos tinham a ensinar e a aprender. (IG/UNICAMP, 2020, p. 3)

A seguir, foi apresentado o cronograma que havia sido desenvolvido na etapa de planejamento. Inicialmente, as atividades foram pensadas para iniciar às 8h30, porém, na roda de conversa, foi acordado reprogramar o horário de início das atividades para às 9h. A utilização do tempo foi, portanto, o primeiro ponto de negociação entre as partes, com base nas diferentes percepções.

No dia seguinte, as atividades prosseguiram com a definição de temas de pesquisa dos(as) intercambistas: Valdriana Lira da Costa, desenvolveu um projeto orientado à compreensão das políticas públicas de acesso dos Povos Indígenas e dos Povos e Comunidades Tradicionais ao Ensino Superior; Marcos Samuel Costa da Conceição optou por pensar na preparação e reflexão acerca de um sarau no Instituto de Geociências; Breno Demétrio, Daniela Sena e Mateus Oliveira optaram por desenvolver reflexões acerca da própria vivência na Unicamp. No decorrer das atividades, colaboradores(as) tiveram reuniões e buscaram apoiar o desenvolvimento destas propostas.

Conforme descrito pelo Relatório de Atividades do projeto, “a riqueza do encontro intercultural levou ao confronto entre realidades e a reação de estranhamento ou aproximação, dentre outros aspectos que geraram grande impacto no grupo” (IG/Unicamp, 2020, p. 3). O documento também destaca que, “considerando as diferenças culturais, geográficas, históricas e de áreas do conhecimento como riquezas a serem exploradas e potenciadas, todo o processo buscou aprofundar a escuta e viabilizar, na prática, a ecologia dos saberes” (Ibidem, p. 8). O potencial transformador do encontro intercultural foi bastante visível nos depoimentos dos(as) participantes do IG, produzidos e incorporados ao relatório, ressaltando a potencialidade das trocas de experiências, como demonstram os trechos a seguir:

Concluimos que é importante promover um maior conhecimento mútuo entre as realidades do sul do continente, bem como o centro e o norte da América Latina. Falar sobre indicadores de exclusão e subordinação constante das populações indígenas também oferece a oportunidade de refletir sobre pontos de virada e mudanças (IG/Unicamp, 2020, p. 17).

(...)

O resultado geral da oficina foi além do esperado graças à abertura dos jogadores em abraçar a mecânica de jogo e interpretar seus personagens. As discussões foram extremamente ricas e o jogo foi se desenvolvendo de forma coletiva, a ponto de os jogadores proporem modificações na mecânica e novas regras (IG/Unicamp, 2020, p. 17).

(...)

Durante todas as atividades pude compartilhar meus saberes com pessoas que pertencem a diferentes povos tradicionais que habitam a Amazônia. Eu nunca havia imaginado que a academia poderia me proporcionar um aprendizado tão rico como foi o projeto CAPA. Sem dúvida, as memórias, saberes e conexões me tornaram um cidadão e um pesquisador muito mais consciente da importância da diversidade e das diversas histórias que compõem o nosso Brasil (IG/Unicamp, 2020, p. 18).

(...)

O programa [...] significou a confirmação do potencial dos projetos orientados para a construção do conhecimento, com base na abordagem interculturalidade-transdisciplinaridade. Considero que o fluxo horizontal da experiência, expertises e saberes, em geral, foi um dos elementos que incentivaram positivamente o desenvolvimento do projeto (IG/Unicamp, 2020, p. 19).¹⁶

Além do impacto manifestado pelos(as) participantes, também vale sublinhar que o espaço de fronteira é caracterizado por certa imprevisibilidade. Conforme sinalizado por Martins (2001), esse lugar não é regido por normas rigidamente pré-definidas; ao invés disso, é caracterizado pela fluidez, mobilidade e constante negociação dos posicionamentos. Nesse sentido, é um espaço aberto à flexibilidade.

Essa característica foi flagrada durante as atividades do projeto. Apesar da existência de um cronograma de ações – bastante intenso, por sinal – o ritmo das atividades deixava-se permear pela espontaneidade. Um exemplo disso foi a reunião marcada entre anfitriões e intercambistas para discutir a organização do Sarau dos Saberes. Naquela manhã, já em meados do período de permanência dos(as) estudantes paraenses, todos(as) chegaram ao encontro carregados de impressões, sensações e pensamentos acerca da experiência. Sentados à volta da mesa, espontaneamente o foco da reunião se alterou, pois, ao invés da discussão avançar rumo aos aspectos práticos dos preparativos do evento, os(as) participantes passaram a partilhar suas vivências – tanto no que se refere às realidades subjetivas, quanto aos impactos que o projeto vinha

¹⁶ Depoimentos derivados da “Oficina Povos Indígenas da Guatemala”, “Oficina de Jogos”, “Oficina de Audiovisual” e “Oficina de Direitos dos Agricultores, Agrobiodiversidade e Agroecologia”, respectivamente.

causando sobre suas visões de mundo. Ainda que houvesse uma pauta a ser cumprida, a flexibilidade venceu a rigidez dos planejamentos acadêmicos. O resultado deste “desabafo” coletivo foi um sentimento de renovação e cumplicidade, que redobrou as energias para as atividades – que foram plenamente cumpridas.

A horizontalidade e entreajuda foram, portanto, fundamentais para a construção de um ambiente aberto e fronteiro. Um aspecto destacado pelos(as) participantes em várias ocasiões – inclusive durante a sessão “Diálogos”, que como vimos foi um momento privilegiado de avaliação promovido durante o Sarau de Saberes – foi a “mistura” entre integrantes da graduação e da pós-graduação. Todas as atividades eram desenvolvidas coletivamente, independentemente do nível de ensino, contrariando a tendência à segmentação frequentemente encontrada no ambiente universitário. Além disso, os(as) intercambistas não eram vistos como seres “vazios”, ou seja, sem conhecimento, que estavam ali para serem preenchidos com conteúdos pelos detentores do saber, neste caso por parte da equipe do IG. Evitou-se desta forma uma relação baseada em uma educação bancária (FREIRE [1968], 2017).

Portanto, a mescla do grupo podia ser flagrada a partir de, no mínimo, três recortes: nível de ensino (graduação/pós-graduação), áreas do conhecimento e procedência geográfica (Pará/São Paulo, dentre outras) – para além de outras perspectivas que ampliaram esta diversidade, como as relações rural/urbano. Para que esta “mistura” ganhasse corpo, foi necessário negar visões generalistas e estereotipadas sobre a alteridade, privilegiando a escuta ativa e um genuíno interesse e curiosidade em conhecer o “outro”. Sobre os riscos de generalização e a necessidade de seu enfrentamento, Mateus Oliveira destaca em depoimento:

Veja bem, quando falamos de vivências entre nós brasileiros, podemos acabar construindo um julgamento prévio de que os sujeitos ali envolvidos naquele momento e espaço partilham da mesma cultura, uma vez que estaríamos considerando somente a fronteira espaço-geográfica, o que acarretaria uma generalização. Por exemplo, a partir desta leitura superficial, poderíamos dizer que todos os brasileiros comem açaí com farinha (algo que se sabe e pode ser notado que acontece mais aqui ao Norte do Brasil; partilho aqui que a experiência com o açaí campineiro foi uma nota 05 de 10).¹⁷ [...] Este

¹⁷ Mateus faz aqui referência ao dia em que os(as) intercambistas do IG experimentaram o açaí consumido no Sudeste, que é servido com frutas e acompanhamentos doces, contrastando com o uso do açaí salgado típico do Norte. Eles(as) reprovaram esta versão do produto, mantendo a preferência pela gastronomia de sua região.

juízo superficial realizado levaria ao silenciamento das identidades dos sujeitos; ora, não se pode afirmar [...] que todos os homens (falo de homem aqui partir do ser, e não a partir de seu gênero) sabem como plantar e cultivar a mandioca. Pelo contrário, deve-se atentar que é nas fronteiras que encontramos a diversidade, seja ela de identidade, de localidade, de etnia, político-partidária, de gênero, de área de atuação e pesquisa científica, dentre outras.¹⁸

A partir da abertura para a alteridade, as relações que foram sendo criadas ao longo do desenvolvimento do projeto transcenderam o domínio acadêmico, estabelecendo laços de amizade e afeto, como sinaliza Mateus Oliveira em seu depoimento: “Viver a nostalgia de ser recebido com carinho, de se sentir inserido no espaço e momento é algo que dinheiro algum irá pagar”. As vivências foram acompanhadas por forte sentimento de solidariedade e cooperação. O esforço coletivo foi fundamental, inclusive, para a resolução das demandas que surgiram, tanto no âmbito do projeto quanto no âmbito humano e social. Nos momentos em que alguém necessitava de ajuda, muitas pessoas se ofereciam prontamente para auxiliar. Essas trocas construíram um ambiente participativo e colaborativo, marcado pelo diálogo e reciprocidade.

Assim, a atividade do Sarau dos Saberes foi não só um momento de encerramento, mas também a abertura de possibilidades para pensarmos dinâmicas diferenciadas, metodologias outras, na socialização e troca de conhecimentos. O que tinha sido pensado inicialmente como um momento de apresentação de resultados foi além, quando se incorporaram espontaneamente elementos simbólicos que caracterizam o cotidiano dos povos amazônicos, quebrando as fronteiras institucionais e a forma típica de produção de conhecimento.

OS DESDOBRAMENTOS

Os encontros proporcionados pelo projeto engendraram novas possibilidades de desdobramentos e interseções. Dentre estas possibilidades, encontra-se o episódio “Elas na pandemia” publicado no Podcast “Elas na Ciência”. O episódio contou com a

¹⁸ Trecho extraído de depoimento de 27/10/2021.

participação de sete pesquisadoras, dentre elas Valdriana Lira da Costa, com o intuito de compartilhar as experiências e transformações que ocorreram durante o isolamento social, ressaltando de que forma a pandemia de Covid-19 afetou a vida e o trabalho dessas cientistas. Valdriana relata sobre seu projeto – Espaço Evoluir, no qual ela realiza trabalhos de divulgação, de ensino e acompanhamento de estudantes do ensino fundamental até o superior, em Cametá – PA.¹⁹

Outro desdobramento foi o ingresso de Valdriana na pós-graduação, uma conquista que, segundo a estudante, foi impulsionada pela vivência no projeto CAPA. A intercambista aprimorou o projeto de pesquisa desenvolvido no IG, intitulado “Políticas Públicas e as influências no Baixo Tocantins: uma análise do percurso acadêmico dos estudantes quilombolas da comunidade de Boa Vista, Baião- PA (2013-2019)”, tendo sido aprovada na seleção para o curso de Mestrado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC), vinculado à linha de pesquisa Cultura e Linguagem da UFPA.

Já para o participante Marcos Samuel Costa²⁰, de origem ribeirinha, os desdobramentos avançaram do coletivo para o individual, ao relatar que a busca por sua intensidade se aprofundou ainda mais depois do Capa. É importante dizer que, antes de entrar na graduação em Serviço Social na UFPA, ele não tinha uma ideia mais ampla do que viria a ser um ribeirinho para além dos seus aspectos geográficos. Marcos relata que entendia sua condição como ribeirinho, mas ainda não sabia dizer de forma simbólica o que viria a ser ribeirinho, antes, como dito, era apenas o local onde se vive ou viveu, uma ligação mais geografia do viver/habitar as margens dos rios. Com seus avós por parte de pai tendo nascido as margens do rio Arapinã, o pai tendo nascido próximo as margens do rio Armazém, e ele na Unidade Mista de Saúde de Ponta de Pedras, com uma família que sempre morou próxima ao rio e até hoje ainda moram, a identidade ribeirinha, talvez, já existisse, só ainda não tinha ganho forma. Foi a partir do CAPA e

¹⁹ O Podcast Elas na Ciência foi criado no final de 2020, a partir da iniciativa da pesquisadora Marina Drezza, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Política Científica e Tecnológica da Unicamp. O Podcast, que hoje conta com uma equipe de 16 mulheres, tem o objetivo de divulgar pesquisas e trabalhos feitos por mulheres no Brasil. Disponível em: #Edição Especial 2: Elas na Pandemia – Elas na Ciência | Pódcast en Spotify

²⁰ Trecho extraído de depoimento de 27/10/2021.

a convivência com outros povos tradicionais que essa identidade fora ganhando formas de luta, resistência e uma identidade a ser preservada.

No contexto da pandemia de Covid-19, houve a construção coletiva de cartilhas informativas e a consolidação da “Biblioteca Virtual Covid-19 e os Territórios Tradicionais”.²¹ A primeira cartilha, intitulada “Cartilha Ribeirinha Informativa – Ponta de Pedras, Ilha do Marajó”, foi feita a partir da reflexão conjunta sobre a falta de informações específicas de prevenção no contexto de povos e comunidades tradicionais. Marcos Samuel, morador de Ponta de Pedras, apontou para a oportunidade da construção de materiais com linguagens acessíveis e que dialogassem com o contexto da sua comunidade.²² A partir dessa primeira confecção, iniciamos o mapeamento de outras cartilhas, vídeos, artigos, relatórios, plataformas e podcasts que estavam dando visibilidade ao enfrentamento da pandemia nesses territórios, tendo como principal produto a biblioteca virtual.

No campo artístico, houve a produção audiovisual *Fluxos: água e arte para tempos de sede*, no âmbito do edital “Mostra Funciona Cultura” da Diretoria de Cultura da Unicamp (2021).²³ Tendo a água como eixo central, o vídeo lança mão de variados elementos como dança, animação, poesia e depoimentos. Sua narrativa parte do contexto de pandemia, que evidencia as desigualdades no acesso à água, e nos convida a ver além, apresentando a diversidade de significados que a água adquire para diferentes povos e culturas no Brasil. A produção contou com um vídeo-poema de Marcos Samuel Costa da Conceição, integrando a riqueza poética, imagética e fonética da Amazônia.

Além disso, três dos intercambistas participaram da aula aberta “Roda de conversa com povos amazônicos”, promovida pela disciplina História Econômica, Política e Social do Brasil no IG no segundo semestre de 2021. Na oportunidade, integrantes da mesa e audiência de ambos os estados (SP e PA) tiveram a oportunidade de discutir diferentes aspectos do contexto amazônico e do encontro intercultural.

²¹ Acesse a Biblioteca completa em:

<https://drive.google.com/drive/folders/1aKTEL9yKAD9EFcnxa16yigKKSsmSpSqK>

²² Lara Ramos e Marcos Samuel contam como foi esse processo no vídeo “As contribuições da Unicamp para o enfrentamento da pandemia”: <https://www.youtube.com/watch?v=hLBmlyeS-Aw>

²³ Disponível em <https://youtu.be/zjSjxCeTLNk>

Por fim, como já mencionado, este artigo é o desdobramento mais recente do projeto CAPA/IG, que nos convida a revisitar os impactos e aprendizados daquele período. Portanto, a presente discussão também configura a abertura de um novo espaço fronteiriço, que nos permitiu repensar nossas vivências, discutir o contexto amazônico, refletir sobre a relevância de políticas públicas que viabilizem o acesso dos povos indígenas e tradicionais ao ensino superior, bem como sobre a importância da horizontalidade nos processos educativos.

FRONTEIRAS QUE UNEM: IDEIAS PARA O DEBATE

Vimos neste artigo que o conceito de fronteira nos ajuda a pensar sobre a complexidade da região amazônica e dos seus povos. Camadas sobrepostas de relações fronteiriças são ali encontradas – que podem ser interpretadas a partir de diferentes modelos de análise, desde aquelas colonizadoras e hierarquizantes (fronteira *que separa* ou *como frente*) às emancipatórias e propensas às relações interculturais (fronteira *que une*). Nesta análise, utilizamos o conceito para refletir sobre o projeto “Ciência, Tecnologia, Sociedade e Inovação – Povos da Amazônia no Instituto de Geociências: intercâmbio de experiências e conhecimentos interculturais”, caracterizado pela confluência entre participantes do IG e da UFPA.

Portanto, o projeto foi revisitado enquanto um espaço fronteiriço, capaz de abrigar de maneira horizontal variadas culturas, modos de vida e áreas do conhecimento acadêmico. Apesar dos estranhamentos naturais ao encontro com a alteridade, argumentamos que predominaram os trânsitos, negociações e aproximações interculturais – espaços de criatividade e afeto, bem como de produção coletiva do conhecimento cuja potência nos pareceu evidentes nos resultados da vivência e seus desdobramentos. Vale lembrar que, findo o projeto, o grupo manteve a coesão e seguiu realizando atividades conjuntas, de que o presente artigo é o mais recente exemplo.

Buscamos também sublinhar a importância de políticas públicas capazes de garantir o acesso e permanência dos povos indígenas e tradicionais na universidade, dado o seu efeito potencialmente transformador. Porém, a fronteira que separa os(as) estudantes provenientes dessas comunidades e o ensino superior com frequência se

erguem como verdadeiras muralhas. Como já mencionado, as distâncias entre a comunidade e a universidade – esta geralmente pensada para atender o aluno e a aluna urbanos, exceto quando adota estratégias específicas, tais como a Pedagogia da Alternância nos cursos de Educação do Campo –, os desafios financeiros para a sobrevivência na cidade e o próprio impacto da repentina alteração dos modos de vida são barreiras para o avanço rumo à universidade.

Porém, essas barreiras são atravessadas. Apesar dos recuos atuais,²⁴ os avanços das políticas públicas no passado, tais como a implementação da política de cotas e o Processo Seletivo Especial viabilizaram o ingresso de alunos e alunas indígenas, quilombolas e de outras comunidades na graduação e pós-graduação. Isso provocou alguns fenômenos: por um lado, o ingresso dos(as) estudantes no ensino superior gerou um trânsito entre “mundos” dentro de suas trajetórias. Não sem conflitos – são muitos os relatos de preconceitos de docentes e colegas contra os discentes dessas comunidades – a experiência também tem o potencial de criar complementaridade entre diferentes fontes de conhecimento. Esse trânsito, segundo nosso argumento, é capaz de gerar “atores fronteiros”, no sentido de sujeitos capazes de colocar em diálogo diferentes códigos, provenientes de distintos contextos culturais. À medida que esses sujeitos assumem diferentes papéis – simultaneamente de quilombola e estudante, por exemplo – têm a oportunidade de analisar o próprio conhecimento universitário a partir de uma outra perspectiva, e portanto sem que isso necessariamente implique na subsunção de um tipo de conhecimento pelo outro. Essa capacidade de atravessar e dialogar com diferentes mundos, sem que se perca a âncora da própria identidade original, está na base do que denominamos interculturalidade e é o eixo central da ecologia de saberes.

Por outro lado, além dos fenômenos subjetivos e identitários, temos as transformações no campo institucional. A presença física dos(as) discentes indígenas e tradicionais na universidade causa impactos sobre esta – muda sua cor e tem o potencial de desestabilizar o paradigma epistêmico eurocêntrico tão característico da academia

²⁴ No início de outubro de 2021, por exemplo, cerca de 700 manifestantes indígenas e quilombolas reuniram-se em Brasília, em frente ao Ministério da Educação, reivindicando o direito de acesso à Bolsa Permanência para estudantes universitários – um instrumento crucial para a manutenção desses povos durante os estudos.

brasileira, ao introduzir elementos provenientes dos saberes e modos de vida não ocidentais.

Desse diálogo, verdadeiramente embasado na interculturalidade, vislumbramos possibilidades outras, de quem não está em uma das margens, mas que navega sobre o rio. Esse rio é como o Amazonas, formado pelo encontro de outros rios que, sem se sobrepor, fluem juntos rumo ao Atlântico, gerando afluentes pelo caminho.

Nesse sentido, o movimento de avanço que caracteriza a ideia de fronteira *como frente* pode ser aqui comparado com um movimento inverso – ao invés de ser colonizador, é emancipatório – dos(as) estudantes não-brancos rumo aos de seus direitos e ao acesso à educação. Não raro, apesar de todos os problemas cujo agravamento assistimos atualmente, a experiência de acesso ao ensino superior pode conduzir o(a) aluno(a) justamente ao reencontro com sua ancestralidade, na medida em que novas perguntas vêm à tona quando se é confrontado com conteúdos que apontam para as exclusões de nossa história e para o cerceamento da nossa memória. Tais fenômenos vêm sendo objeto da pesquisa desenvolvida por Valdriana Lira acerca do percurso dos e das estudantes quilombolas de Boa Vista, Baião, no âmbito do seu mestrado.

Esta discussão, portanto, busca lançar luz sobre uma Amazônia povoada, repleta de culturas e saberes, que contrasta com a imagem de uma Amazônia vazia. As vozes dos povos da floresta, apesar de frequentemente invisibilizadas, fazem o contraponto a uma visão cristalizada, desenvolvimentista e irreal de “atraso” e de “passado a ser superado”. A escuta ativa e a possibilidade de diálogo são, dessa maneira, fundamentais para repensarmos nosso projeto de futuro enquanto país. Conforme afirmou Valdriana Lira (IG/Unicamp, p. 3) em um texto produzido no âmbito do projeto CAPA/IG, “o que é histórico? Ah! Eu sou história ... Ei! Tu és história! Nós somos história, o nosso tempo é hoje!”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁGUAS, Carla. “A tripla face da fronteira: reflexões sobre o dinamismo das relações fronteiriças a partir de três modelos de análise”, **Forum Sociológico**, n. 23, 2013, p. 1-12.

ALMEIDA, Alfredo W. B. **Antropologia dos Archivos da Amazônia**. Rio de Janeiro: Casa 8/Fund. Universidade do Amazonas, 2008.

ALBARET-SCHULZ, Cristiane, Beyer, Antoine et al., **La frontière, un object spatial en mutation**, disponível em <http://espacestemps.revues.org/document842.html>, acesso em 28/07/2009, 2004.

ANZALDÚA, Glória. La conciencia de la mestiza / Rumo a uma nova consciência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 320, setembro-dezembro, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

HANNERZ, Ulf. “Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional”, **Mana**, v. 3, n. 1, p. 7-39, 1997.

IG/Unicamp. Relatório de Atividades “Ciência, Tecnologia, Sociedade e Inovação Povos da Amazônia no Instituto de Geociências”. **Intercâmbio de Experiências e Conhecimentos Interculturais**. 2020.

LUCIANO, Gersem. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: SECAD/MEC/Unesco, 2006.

_____. “Língua, educação e interculturalidade na perspectiva indígena”, **Revista Educação Pública**, v. 26, n. 62/1, p. 295-310, 2017.

MAGALHÃES, Marcos Pereira; LIMA, Pedro Glécio Costa; SANTOS, Ronize da Silva; MAIA, Renata Rodrigues; SCHMIDT, Morgan; BARBOSA, Carlos Augusto Palheta; AIRES DA FONSECA, João. O Holoceno inferior e a antropogênese amazônica na longa história indígena da Amazônia oriental (Carajás, Pará, Brasil). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 14, n. 2, p. 291-325, 2019.

MARTINS, Rui C. “O paradoxo da demarcação emancipatória: a fronteira da época da sua reprodutibilidade icônica”, **Revista Crítica das Ciências Sociais**, n. 59, p. 37-63, 2001.

MEDEIROS, Iraci; GITAHY, Leda. “Novas formas de construção do conhecimento”, XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología, VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires (**Anais**). Buenos Aires: Asociación Latinoamericana de Sociología, 2009. p. 1-14.

MIGNOLO, Walter. “Os esplendores e as misérias da ciência: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica”. In Santos, Boaventura, **Conhecimento prudente para uma vida decente: Um Discurso sobre as Ciências revisitado**. Porto: Afrontamento, 2003.p. 631-672.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social, in: Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses (orgs.), **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, p. 73-117, 2009.

RIBEIRO, António S. “A retórica dos limites. Notas sobre o conceito de fronteira”. In B. Santos (org.), **Globalização: fatalidade ou utopia?**, Porto, Afrontamento, 2001, p. 463-488.

SANTOS, Boaventura S. **A crítica da razão indolente**. Contra o desperdício da experiência. Porto: Afrontamento, 2000.

_____. “Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências”, **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 63, p. 237-280, 2002.

SHIELDS, Rob. “Boundary-thinking in theories of the present: the virtuality of reflexive modernization”, **European Journal of Social Theory**, v. 9, n. 2, p. 223-237, 2006.

WALTER, Roland. **Transferências interculturais: notas sobre trans-cultura, multicultural, diásporas**, disponível em http://www.uepb.edu.br/eduep/sociopoetica/publicacoes/v1n1/v1n1_artigo05.html, acesso em 26/05/2011, 2006.